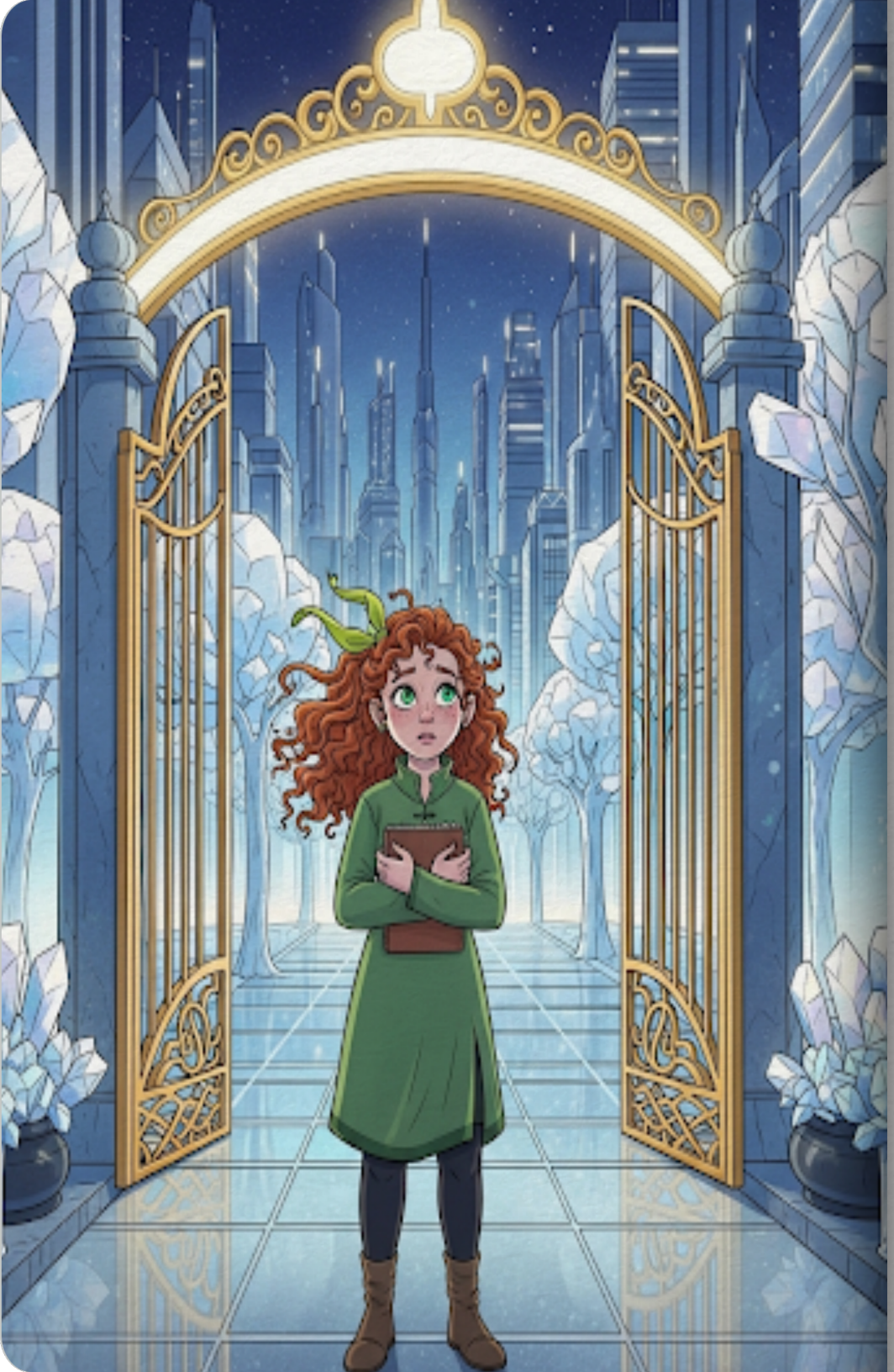
A CIDADE DOS MIL LIKES: Quando a aprovação dos outros se torna mais importante do que a própria voz

De Francisco Abreu



Luna era uma jovem cujos cadernos transbordavam cores e sonhos que só ela via. Certo dia, seus passos a levaram aos portões de um lugar resplandecente: a Cidade dos Mil Likes. As ruas eram feitas de vidro polido e o ar vibrava com um zumbido constante de aplausos. Luna sentiu um frio na barriga, uma mistura de medo e o desejo profundo de, finalmente, pertencer a algum lugar onde todos pareciam tão felizes e aceitos.

Ao entrar, Luna recebeu seu primeiro cristal da aprovação. Cada vez que alguém elogiava seu estilo ou seu sorriso, o cristal brilhava com uma luz intensa. Ela conheceu um dos moradores, que carregava dezenas de cristais pendurados no pescoço. "Aqui, o brilho diz quem você é", explicou ele. Luna guardou seu caderno de desenhos na mochila; ela queria que seu cristal brilhasse tanto quanto o dele, custasse o que custasse.

Os dias passaram e Luna começou a mudar. Ela parou de desenhar suas criaturas fantásticas porque o público da cidade preferia retratos perfeitos e padronizados. Uma névoa sutil, quase imperceptível, começou a segui-la; era o Véu das Ilusões, que sussurrava em seu ouvido: "Mude um pouco mais. Se você for igual a eles, nunca mais se sentirá sozinha." Luna trocou suas roupas coloridas por tons que todos usavam, tentando se encaixar no molde da perfeição.

Apesar de seu cristal estar agora ofuscante de tanto brilho, Luna sentia um vazio que crescia em seu peito. Ela olhou para um de seus antigos desenhos e não sentiu a mesma conexão. O brilho do cristal era frio. "Por que não me sinto completa?", ela se perguntou em voz alta, sentada sozinha em um banco de praça enquanto a multidão passava, todos ocupados demais polindo seus próprios cristais para notarem sua tristeza.

"O brilho externo muitas vezes obscurece a luz que vem de dentro", disse uma voz vinda das sombras de uma árvore de cristal. Era o Dr. Psi, o investigador do inconsciente. Ele não carregava cristais de elogios, mas sim um instrumento singular: o Compasso da Autenticidade. Ele se aproximou de Luna com um olhar que parecia atravessar todas as camadas de disfarce que ela havia construído.

Dr. Psi estendeu o Compasso da Autenticidade. A agulha não apontava para o norte, mas girava entre o coração de Luna e as imagens perfeitas que ela projetava para a cidade. "Este compasso mede a distância entre o que você faz para agradar e o que você realmente deseja", explicou ele. "Diga-me, Luna: quem é você quando as luzes da cidade se apagam e não há ninguém para te aplaudir?"

Antes que ela pudesse responder, a névoa se densificou e o Véu das Ilusões se materializou entre eles. A criatura era feita de ecos de elogios e reflexos distorcidos. "Não a escute!", sibilou o Véu. "Sem os meus cristais, você será invisível. Ninguém vai te amar se você mostrar suas falhas e suas cores estranhas." O Véu envolveu Luna, tentando arrastá-la em direção à Torre dos Mil Likes, o ponto mais alto da cidade.

Na base da enorme Torre dos Mil Likes, onde o barulho da aprovação era ensurdecedor, o Dr. Psi manteve-se firme. Ele não lutou com força, mas com perguntas. "Luna, você prefere ser uma estátua perfeita e amada por estranhos, ou um ser humano real com uma voz própria?", ele perguntou. O Véu das Ilusões apertou o abraço, prometendo a ela um milhão de likes se ela subisse ao topo e abandonasse seu caderno para sempre.

Luna saiu da Cidade dos Mil Likes carregando apenas seu caderno e o Compasso da Autenticidade, presenteado pelo Dr. Psi. Ela entendeu que a aprovação externa é como um perfume: agradável de sentir, mas perigoso se tentarmos nos alimentar dele. Ao abrir seu caderno e traçar a primeira linha de um novo desenho, Luna sorriu. Ela não era mais uma imagem para os outros; ela era, finalmente, a autora de sua própria história.